

¹Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1971), graduado em Pedagogia pela UFRGS (1976), mestrado em Educação, UFRGS (1983), doutorado em Ciências, área Psicologia Escolar, pela Universidade de São Paulo (1990), e pós-doutorado pela Universidade Técnica de Lisboa (1993).

Professora substituta no Departamento de Jogos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e membro do Núcleo de Pesquisa LABCOESO da UFRJ.

²Graduada em Português-Inglês e Português-Francês pela PUC do Rio de Janeiro, mestrado em Linguistics - University of Washington (1978), graduação em Educação Física pela Universidade Estácio de Sá (1996), mestrado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (2001) e doutorado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (2006). Consultora de ensino - Mirambro Consultoria e Ensino e professora da Universidade Estácio de Sá-Petrópolis nas faculdades de Educação Física e Letras.

³Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF/RJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGEF) da Universidade Gama Filho. Integra o Grupo de Pesquisa em Esporte, Corpo e sociedade (GECOS), inserido no LABCOESO - Laboratório em

Recebido em: 20/02/2013

Aceito em: 20/02/2014

O OLHAR DA IMPRENSA SOBRE O VÔLEI FEMININO: QUANDO A SOMBRA SE DESTACA

The look of the sports press at women's volleyball: when the shadow plays the main role

Elaine Romero¹

Ana Maria de Freitas Miragaya²

Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro³

Erik Giuseppe Barbosa Pereira⁴

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

RESUMO

Introdução: o esporte vem sendo uma instituição que (re)produz a masculinidade, o patriarcalismo e o sexismo, privilegiando homens em detrimento da figura feminina. A mídia, nessa esteira, contribui para a construção e reconstrução dessas representações culturais na sociedade contemporânea. **Objetivo:** propusemo-nos a analisar a cobertura das finais da Superliga feminina de vôlei de quadra. **Métodos:** reunimos as fotos divulgadas no Caderno de Esportes de um jornal de alta circulação no país durante a disputa do título pelas equipes Osasco/SP e Rexona/RJ, no ano de 2007, e procedemos a técnica da Análise de Imagens. **Resultados e Discussão:** mulheres

não são fotografadas executando saque; não são mostradas fazendo levantamentos ou defesas individuais; as adversárias são exibidas simultaneamente cortando/bloqueando com a rede cobrindo-lhes o rosto e; a maioria das fotos sugerem as formas corporais das atletas de costas, explorando o erotismo e fetiche. **Conclusão:** inferimos que a cobertura jornalística evidencia os atributos físicos das atletas em detrimento do desempenho, quando correspondem ao padrão de beleza convencionalizado.

Palavras chave: História. Mulheres. Imprensa. Esportes.

ABSTRACT

Introduction: *the sport has been an institution that (re) produces masculinity, patriarchy and sexism, favoring men over the female figure. The media, in that way, contributes to the construction and reconstruction of these cultural representations in contemporary society.* **Aim:** *We set out to analyze the media coverage of the finals of the women's volleyball Superliga in Brazil.* **Method:** *The photographs analyzed were taken from the sports pages of high circulation newspaper in Brazil during the competition for title by the teams Osasco/SP and Rexona/RJ in 2007, and then, we proceeded the analyses of images.* **Results and Discussion:** *the women athletes weren't photographed while serving; the women athletes were not shown individually either digging or defending; the opponents were shown simultaneously attacking/blocking with the net covering their faces and; most of the photographs displayed the backs of the athletes, exploring the eroticism or fetishism.* **Conclusion:** *We infer that the media coverage highlights the physical attributes of women athletes while push into the background their sports performance, nevertheless, when they are within the agreed standard of beauty.*

Key words: *History. Women. Media. Sports.*

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O esporte, desde suas antigas raízes históricas, vem sendo ao mesmo tempo, um terreno fértil da produção social da masculinidade, e também uma poderosa instituição que reproduz simbolicamente, os relacionamentos patriarcais existentes. Pela retrospectiva da Educação Física brasileira, a mulher, por ser vista como um ser frágil, não

pesquisa do corpo, esporte e sociedade, da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ.

⁴Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), mestrado em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco (2002) e doutorado em Ciência do Movimento Humano pela Universidad Autonoma de Asuncion (2009). Professor do Departamento de Jogos da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É líder do Grupo de Pesquisa em Esporte, Corpo e Sociedade (GECOS), o qual está inserido no LABCOE-SO - Laboratório em pesquisa do corpo, esporte e sociedade. Leciona as disciplinas Fundamentos do Voleibol e Aplicação Pedagógica do Voleibol.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

podia fazer *educação física*, posto que a moça de família, de acordo com os bons costumes do final do século XIX e início do século XX, mostrava sua decência ao vestir-se, e pentear-se, pelo nome da família, sobretudo, pelo comportamento recatado. A mulher não deveria jamais suar em público na época e a prática de exercícios era abominável posto que era considerada uma atividade destinada aos homens como parte integrante de sua virilidade, robustez e força moral e física.

Desde a Grécia Antiga, quando a participação feminina era vetada nos principais Jogos, a mulher, numa área de reserva masculina, teve que abrir e trilhar caminhos com seus próprios meios. Desse modo, reportando-nos aos principais jogos históricos, realizados sempre em homenagem a um deus masculino, havia restrição à participação feminina. Dentre esses jogos citamos os Olímpicos, realizados de quatro em quatro anos em homenagem a Zeus, em Olímpia, desde 776 a. C., cujo prêmio maior era uma coroa de louro e um ramo de oliveira. Os Jogos Píticos eram realizados também de quatro em quatro anos, em Delfos, desde 582 a. C., em homenagem a Apolo; e os vencedores eram coroados com louros. Os Jogos Ístmicos, disputados de dois em dois anos, rendiam tributo ao deus Poseidon, na cidade de Corinto, desde 581 a. C., e sua premiação consistia numa coroa de aipo. Os Jogos Nemeus, com intervalo de dois em dois anos, transcorriam em Neméia, desde 573 a. C., e surgiram para render tributo à façanha de Heracles, filho de Zeus, e tal qual os anteriores, premiavam os vencedores com uma coroa de aipo (MIRAGAYA, 2002; MIRAGAYA, 2006; MIRAGAYA, 2007).

As mulheres tinham seus próprios Jogos, os Heraicos em homenagem à deusa Hera, que eram realizados em distintas cidades da Grécia. No local, os Jogos eram realizados inicialmente a cada três anos, e depois a cada cinco, com uma única prova - uma corrida de 162m. Elas corriam com os pés descalços e com uma vestimenta que alcançava os tornozelos. Como prêmio, as vencedoras recebiam uma coroa de oliveira e um pedaço do animal, que havia sido sacrificado em honra à deusa (SMITH'S DICTIONARY, 1875 – 2007). Os homens, além de provas variadas, possuíam naquele tempo, inclusive, dirigentes, os *gimnastai*, cargo semelhante aos atuais presidentes de clubes esportivos, com postos de caráter honorífico.

A cultura física tinha espaço marcante no universo grego, tanto que em casa, era comum aos homens praticarem exercícios em conjunto entre amigos. Tal qual numa atividade social dos dias de hoje, os homens gregos reuniam-se para a prática de exercícios, e essa atividade social era praticada até idades mais avançadas. O objetivo de

tal prática era que os homens cultivassem as qualidades masculinas desejáveis para a época: que eles fossem fisicamente fortes, velozes e ágeis. Nesse cenário ficavam excluídas as mulheres, sobretudo, as atenienses, que viviam numa esfera privada, com o corpo coberto e pouco eram vistas fora de casa, no espaço público. Elas não tinham acesso a competições atléticas para não serem expostas. Mesmo as espartanas, que podiam ter vida pública, e que eram treinadas desde cedo para tornarem-se mulheres fortes e gerarem filhos fortes, não participavam desse tipo de atividade “social” junto aos homens¹. As qualidades desejáveis às mulheres consistiam na passividade, modéstia, castidade, pureza, obediência, comportamento recatado e capacidade reprodutiva.

Miragaya (2006) relata que a inserção da mulher nos Jogos Olímpicos, quer da Antigüidade, quer da Modernidade, foi à duras penas. Relata a autora que Stamatha Ravithi teria sido a primeira participante da Maratona². Segundo seus escritos, Stamatha havia ouvido falar de que haveria uma corrida com premiação em dinheiro. Pobre, mãe de cinco filhos, viu aí a possibilidade de um ganho extra para o sustento dos seus. No entanto, ela foi ludibriada; informaram-lhe de forma errônea a data da prova atlética, e ela, sem saber, correu o percurso, que foi anotado por jornalistas da época. Mas, como correu no dia seguinte ao da maratona oficial (masculina), não recebeu o prêmio almejado.

Contudo, registros históricos dão conta que algumas mulheres participaram dos Jogos Olímpicos, não pessoalmente, mas por intermédio dos aurigas, os condutores das quadrigas - carros puxados por quatro cavalos, cujas proprietárias eram mulheres (MIRAGAYA, 2006). Podemos depreender que elas foram vencedoras não por disputarem as provas, mas por serem elas as proprietárias das quadrigas. Miragaya registra que a princesa espartana Kyniska de Archidamos teria sido a primeira vencedora da prova hípica nos Jogos Olímpicos da Antigüidade. Estes concediam privilégios aos vencedores como: uma coroa feita de folhas de oliveira, um dos símbolos da Grécia, estátua em praça pública do ganhador, despesas pessoais de

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

-
- 1 Para melhor entendimento dessa situação, sugerimos o filme “300, o filme”, no qual a vida da mulher espartana é retratada.
 - 2 A prova nobre dos Jogos Olímpicos, de nome Maratona deve-se ao feito histórico de um soldado grego, provavelmente de nome Fedípedes, que teria percorrido a distância de aproximadamente 42. 245m. entre o local da batalha de Maratona e Atenas (490 a. C.), para anunciar a vitória dos gregos sobre os persas. Informações a respeito que o soldado após percorrer a distância e anunciar a vitória teria caído morto. Foi idolatrado pelas circunstâncias de seu feito.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

alimentação pagas pelo poder público, lugares privilegiados em teatros, isenção de impostos e taxas, além de altos postos no governo.

Como consequência dessa situação, Miragaya aponta que foi desenvolvida a cultura do vencedor herói disseminada nos textos teatrais e na literatura de forma épica – no início na poesia e no drama, e, posteriormente, na ficção. Em relação às mulheres, sua exclusão nos Jogos pode ser atribuída pelo fato de uma orientação cultural masculina, pelo aspecto religioso (os deuses homenageados eram homens), por propósitos militares, uma vez que as espartanas eram treinadas para gerarem filhos fortes, também pelo fato de não haver tradição escrita para os feitos femininos, pela relação esporte e poder e finalmente pela segregação das mulheres aos Jogos.

Os Jogos Olímpicos da Modernidade ressurgiram por esforços de Coubertin, embora Miragaya registre vários pioneiros que lhe antecederam, como Dover na Inglaterra, Schartau, na Suécia, Brookes na Inglaterra e Zappas na Grécia. As empreitadas desses precursores se deram entre os anos de 1612 a 1889. Entretanto, registros mais recentes dão quase que exclusivamente ao Barão Pierre de Coubertin todo crédito pela criação dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Ele fundou o Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1894 e os primeiros Jogos ocorreram em Atenas em 1896.

Embora Demetrius Vikelas tenha sido o primeiro presidente do COI, de 1894 a 1896, Pierre de Coubertin foi quem maior tempo esteve à frente do Órgão, presidindo-o de 1896 a 1925. Suas ações foram sempre no sentido de evitar, mas não proibir, a participação feminina. Não admitia que as mulheres pudessem disputar, ao lado dos homens o esporte, que na sua visão, era uma prática masculina, tal qual o pensamento dos gregos antigos. De acordo com os dados de Miragaya (2006), a influência britânica na educação de Coubertin pesou na sua maneira de pensar e nas suas decisões. Educado no último período vitoriano, em que a figura feminina era bem demarcada pela submissão, pela dependência financeira masculina, pelo seu destino biológico (a reprodução). Assim, Coubertin entendia que a vida da mulher deveria resumir-se à esfera privada, pois se supunha ser ela um apêndice do homem. Para o pensamento vitoriano, em relação aos esportes, a mulher era considerada um ser incompleto, e não era admissível que suasse em público. Como poderia Coubertin admitir que as mulheres participassem dos esportes olímpicos?

A primeira participação feminina em Jogos Olímpicos se deu em 1900, com registro oficial de 22 participantes em seis modalidades apenas. Com o tempo, houve um gradativo acréscimo de modalidades que culminou com a inclusão do atletismo feminino nos Jogos Olímpicos em 1928. Essa participação pode ser creditada aos esfor-

ços políticos empreendidos por Alice Milliat, a primeira presidente do clube “Femina Sport”, em 1915, e que se tornaria a presidente da Federação das Sociedades Esportivas Femininas da França - FSFSF, em 1919, quando iniciou um movimento para incluir o atletismo feminino nos Jogos, porém somente conseguiu a inclusão de 5 modalidades em 1928 em Amsterdam. Milliat deu exemplo de empreendedorismo olímpico (MIRAGAYA, 2006), uma vez que fundou a primeira federação internacional de esporte feminino e iniciou os Jogos Mundiais Femininos, equivalentes aos Olímpicos, conseguindo reunir mais de 20.000 espectadores em sua primeira edição em 1922 em Monte Carlo. Observa-se então que as mulheres, especialmente as atletas, passaram através dos séculos da restrição à esfera privada da casa à condição oposta de atletas que competem num estádio e que arrastam multidões no início do século XX.

Pode-se então observar diacronicamente um quadro generificado no esporte e essa situação não só fica restrita às atletas, mas às dirigentes femininas, ao quadro de arbitragem, e em toda a engrenagem que faz o esporte mover-se, sobremaneira do esporte de alto rendimento. Para sua visibilidade, a atuação da mídia é marcante, especialmente, porque é sabido que o esporte é responsável por contratos milionários além de que os direitos de imagem geram lucros inimagináveis. E como menciona Proni (2008, p.9), “a estreia da Coca-Cola como patrocinadora oficial do evento confirma que o esporte já era visto como um veículo de divulgação de produtos”. A publicidade, prossegue o autor, faz o esporte cada vez mais uma instituição dependente dos interesses do grande capital.

Adentrando no mundo dos negócios, e na esfera econômica, é bom lembrar que estamos pisando num reduto masculino, em sua expressiva maioria e em se tratando de eventos esportivos, os Jogos Olímpicos, praticamente todos nas mãos masculinas, tornaram-se um negócio bilionário. Nesse contexto, estamos articulando o esporte de alto rendimento e a mídia esportiva, especificamente, a cobertura da imprensa esportiva no esporte feminino. Verifica-se que o advento da mídia, inicialmente impressa por meio de fotografias, mídia televisiva e virtual pelos seus múltiplos meios, carrega a imagem, agora extremamente mais do que pública, das mulheres atletas para todo o planeta mantendo padrões ainda subordinados a uma hegemonia masculina que ‘legisla’ sobre o que se quer ver.

É inegável o poder da mídia em todas as esferas e os últimos acontecimentos políticos advindos dos poderes democraticamente instituídos são exemplo desse poder. Como instituição que detém uma parcela expressiva de poder, a mídia pode ser encarada como um elemento constituinte das representações da sociedade sobre a

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

participação das mulheres na vida pública e esportiva. Nessa engrenagem, atrair o público e manter a audiência se tornou a tarefa essencial da mídia (REIN; KOTLER; SHIELDS, 2006). E qual a melhor forma senão exibir os *corpus esportivus*? O corpo é o mais completo texto cultural criado e recriado pelo homem, escreve Quevedo (2003), e argumenta a autora que como um texto cultural não se espera uma única leitura. Como assinala Andrade (2003), o corpo está em constante aprendizado com o outro na relação e na interação. Esse outro pode ser materializado pela mídia de um modo geral e dos modelos idealizadores que ela apresenta.

A partir dessas considerações introdutórias, e tentando compreender como a mídia nos ensina a se relacionar com o mundo, podemos dizer que temos observado que as fotos veiculadas em diversos jornais brasileiros sinalizam tratamento diferenciado entre as diversas modalidades esportivas. Algumas delas, sequer merecem destaque e, quando muito, uma pequena nota, e outras modalidades não são mencionadas, mesmo tendo disputas internacionais. Essa situação, na análise de Proni (1998, 2008), reflete o paradigma do negócio no esporte, que tem provocado revisão no quadro esportivo, o que empurra para o ostracismo as modalidades que não apresentam em seus eventos, o espetáculo.

A imprensa adjudica para si a divulgação de imagens e textos que tendem a causar impacto no leitor, que admira e se identifica com o esporte. Assim, jogadas, passes, gols, e outras situações no futebol masculino, por exemplo, tem público cativo. Em relação aos atletas dos demais esportes, o tratamento, é diferenciado; os homens sob os holofotes nos seus feitos e performances atléticas e as mulheres exaltadas pelas suas formas corporais. Por meio dessa prática, a imprensa esportiva exerce um papel de destaque no qual segundo Forsyth (2003), a cultura midiática constrói e renova, de forma implacável, a imagem de feminilidade nos dias atuais. Na avaliação da autora, a mídia e outras vozes das sociedades patriarcais ensinam às mulheres, independentemente da idade, como devem se ver, a tal ponto de aceitarem docilmente o mito da beleza disseminado e incansavelmente repetido. Como consequência, adverte Forsyth que esse mito patriarcal constitui-se num risco à saúde física e mental das mulheres bem como as priva de uma identidade autônoma.

No traslado dessas ideias à cobertura de esportes como o voleibol, por exemplo, é nítido o tom de diferenciação entre as imagens veiculadas da equipe masculina e da feminina. Na esteira de Andrade, é possível identificar diversas pedagogias atuando no meio esportivo ensinando-nos como nos relacionar com as coisas do mundo. São nessas relações que se constroem os gêneros. Nesse entendimen-

to, podemos dizer que a imprensa esportiva tem atuado como forte elemento para ressaltar o corpo feminino – os seus atributos físicos no esporte de alto rendimento e, ao mesmo tempo, tem sistematicamente lhes ocultado a visibilidade facial e atlética.

Inserindo essa problemática no âmbito dos estudos sócio-culturais das práticas culturais e esportivas, reportamo-nos aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997), cuja estrutura contempla a área da Educação Física (p. 9), e observamos que sua proposta de trabalho volta-se para a cultura corporal. Engendrando o tema do presente trabalho com os propósitos da Educação Física, podemos asseverar que a comunicação mediada tecnologicamente contribui na construção e reconstrução de representações culturais, que são compartilhadas na sociedade contemporânea. Representação é uma palavra chave para articular as concepções e as práticas do corpo em movimento no esporte de alto rendimento num “espaço pedagógico” onde o poder é organizado e difundido (ANDRADE, 2003). As transformações advindas das tecnologias de comunicação repercutem na Educação Física, e partilhando da interpretação de Pires, Betti, Bitencourt e Hack (2006), o teor dos PCN trata de forma científica e pedagógica da manifestação da cultura.

Entendemos que a cultura, conforme sublinha Laraia (2002), apoiado na contribuição de Krober, destaca-se por determinar, mais do que a herança genética, o comportamento do homem, o que viria a justificar suas realizações. Nessa engrenagem, o ser humano resulta do meio cultural em que foi socializado. Em se tratando da articulação mídia, esporte e cultura corporal, não fica difícil compreender a assertiva de que o esporte reproduz simbolicamente os relacionamentos patriarcais existentes, reforçando a superioridade masculina, bem retratada nas fotos esportivas que ilustram os cadernos voltados ao público que aprecia eventos dessa natureza.

Consideramos oportuno aprofundar um tema ainda pouco explorado nas Ciências do Movimento Humano, ou da Motricidade Humana, destacando desse modo uma lacuna no conhecimento, apesar da constatação de Pires et al. (2006). Eles verificaram que, em meados da década de 1990, a produção em Educação Física e Mídia foi impulsionada pela criação de fóruns e grupos de trabalho nas sociedades científicas brasileiras. Como resultado, houve crescimento da produção a partir do ano 2000. Neste cenário não estão considerados os estudos e a (escassa) produção que trata das questões que envolvem gênero e mídia esportiva, o que evidencia nessa lacuna, a relevância do presente estudo.

Por outro lado, a par do ponto de vista de Monique Pires (2006), entendemos que estamos tendo a oportunidade, numa perspectiva

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

feminista, de fornecer elementos para desconstruir toda uma história aprendida durante anos sob a ótica generificada. É a perspectiva de trazer para o centro da academia e da comunidade científica os conceitos elaborados pelas historiadoras feministas negando discursos que afastaram as mulheres da produção em que elas deixaram de figurar como sujeito político/objeto de estudo. A contribuição ao debate emerge das linhas que assinamos.

Diante do quadro exposto somos motivados a proceder uma análise, na ótica do gênero, como categoria relacional, da cobertura das finais da Superliga de vôlei de quadra feminino. Tomamos aqui as principais idéias de Scott (1995, p. 89), que nos aponta que o gênero fornece-nos um “meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana”. Percebe a historiadora que ao falar de gênero, refere-se ao discurso da diferença dos sexos. Suas idéias têm sido elaboradas e trabalhadas por diversas pesquisadoras/as.

Para essa empreitada reunimos as fotos divulgadas pelo Jornal O Globo (Caderno) de Esportes, durante a disputa do título pelas equipes do Osasco/SP e do Rexona/RJ, realizada nas duas cidades em 2006 e início de 2007. O periódico é de alta tiragem (não declarada) e grande circulação em todo país³. Detivemo-nos, portanto, a analisar criticamente as imagens (fotos) e textos (legendas) veiculados. Para Pilotto (1999) com suporte em Faiclough, o texto, como artefato cultural, exhibe imagens visuais que legitimam determinadas representações e é atravessado por discursos, que definem, constroem, e posicionam os seres humanos, construindo verdades sobre o mundo. Prossegue a autora que a análise crítica do discurso (visual) desarticula e critica os textos como uma forma de quebra do senso comum. Em suma, ela não apenas tece comentários sobre o que é dito, mas considera o que não é dito – as ausências.

Entendemos que a imprensa ensina várias formas de olhar o corpo e esse olhar é oriundo de uma cultura patriarcal dado que a esmagadora maioria da imprensa esportiva é composta por homens. É uma pedagogia cultural, que no entender de Campos (2006) vem a ser uma área pedagógica que abrange locais onde o poder é organizado. No caso presente o jornal, que por meio dessa pedagogia constrói e constitui identidades, discursos e representações do corpo atlético feminino. Nesse processo, o discurso midiático influi na acrítica assimilação dos corpos expostos. São corpos exibidos em fotos em que

3 O periódico tem sucursais em quatro capitais brasileiras e seu alcance vai de um extremo a outro no País. Além disso, o banco de imagens é centralizado e faz a distribuição para outros periódicos brasileiros.

o rosto das atletas é ocultado. O que interessa é mostrar o padrão de feminilidade, preferencialmente em trajes sumários, com ênfase nos glúteos, como se a identidade das atletas estivesse sobretudo, no corpo que ostenta formas ditas perfeitas. Em outras palavras, como denunciam Andrade (2003) e Pires e Mól (2006), as fotos exibem mais o corpo e seus contornos como desejáveis a todos os corpos. O rosto da atleta, já não tem tanta importância.

Justificamos a escolha da etapa final da competição posto que foi neste momento que o vôlei feminino ganhou a atenção da imprensa esportiva. Com este estudo estamos apresentando um recorte de uma pesquisa maior – “A hierarquia de gênero no espaço escolar e no ambiente esportivo” – contemplada no Edital CNPq 45/2005, na qual a maior parte dos autores participou.

Revisitando a corporeidade feminina

O *ethos* da mulher contemporânea, que se apresenta dinâmica, independente, auto-gerenciadora, multifuncional, foi definido por muitos fatores históricos, que tiveram como matriz arquetípica, durante muitos séculos, uma outra noção do feminino: a idéia de mulher como protetora provedora, intuitiva, por um lado, e, ao mesmo tempo, submissa/subserviente, casta, temente e dependente, de outro. A breve análise que se segue não trata de mulheres esportistas, mas de mulheres de uma forma geral.

A começar pelas sociedades primitivas que tinham um protótipo da “Grande Mãe” a primeira representação: a mulher como fonte de vida, nutrição, calor e proteção. Essa é a imagem que existe desde o começo dos tempos e em todas as culturas (GUEDES, 2003).

Na Antiguidade clássica, o corpo é visto como elemento de glori-ficação e de interesse do estado. No período helênico, a importância dada ao corpo chega a integrar o sistema educativo. Conforme antes mencionado, a mulher grega ateniense é recatada, voltada ao lar, obediente e servil, enquanto que a espartana era ouvida nas questões políticas, mas sua missão era de gerar fortes guerreiros (ROMERO, 2005). Em Roma, com uma educação unilateral, a corporeidade bélica masculina se destaca, ocultando a feminina, mera coadjuvante.

Com a divisão social do trabalho, a sociedade se divide em classes eclodindo as dominantes, que passam a estabelecer as relações entre dominantes e dominados, quando a mulher passa a ser a primeira escrava – do homem. Nesse contexto, surge o Estado e nesse momento a mulher perde então a liberdade sexual e começa a utilizar seus dotes físicos para ter voz. A sensualidade ainda é usada de forma discreta.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

Na Idade Média, por influência da Igreja, o desprestígio das atividades corporais se ascende e cresce a rejeição ao corpo, visto como vil e desprezível. Os homens medievais exploravam as mulheres de múltiplas formas, inclusive ameaçando a cidadã que vivia só, chantageando-a com falsas denúncias de prostituição e vagabundagem, conseguindo com essa prática que as trabalhadoras que moravam sozinhas aceitassem as condições por eles expostas, inclusive de favores sexuais. Para Guedes cresceu assim a prostituição, ficando a mulher exposta a situações vexatórias e além de oprimida, privada de seus direitos. Tínhamos então no momento um tipo de mulher esgotada pelo trabalho em domicílio, e outra, que vivia folgadoamente no luxo, mas ambas submissas.

No Renascimento o corpo volta a ser prestigiado pela valorização do trabalho masculino, porém o feminino ainda era ao lado do desenvolvido pelos artesãos e escravos. Em oposição ao *magister dixit* medieval, a pedagogia que se apregoava vinha ser a liberal e destituída do autoritarismo característico do ensino escolástico. A educação elitista passou a ser desfrutada apenas pela burguesia (ROMERO, 2005).

A Revolução Inglesa, no século XVII, ficou marcada com a chegada do modernismo, e com ele, o capitalismo moderno. Demarcou-se então a acumulação capitalista que permitiu a revolução técnico-científica e o surgimento da manufatura, que substituiu o artesanato com a exploração do trabalhador. Nesse contexto, como esclarece Guedes (2003), foi a mulher a mais sacrificada naquele tipo de sociedade. Elas eram escaladas para mover moinhos nas oficinas das lavras de ouro e prata, e muitas trabalhavam em casas de família burguesa e nobres, ao passo que outras, ganhavam seu sustento como domésticas e prostitutas, fazendo uso do corpo físico.

No Século da Luzes, as mulheres abastadas e as nobres tinham voz na corte e passaram a lutar pela liberdade sexual. Entretanto, os progressos chegam somente à burguesia; as mulheres do povo ficavam abandonadas à própria sorte. Não havia união entre elas, e as ricas viviam alheias aos problemas enfrentados pelas de menor sorte. Contudo, tanto as mais abastadas quanto as desafortunadas financeiramente eram declaradas incapazes pelas leis e códigos.

No período contemporâneo, vários eventos marcaram a corporeidade feminina, citamos alguns como a revolução de 1917, que atingiu a mulher russa dando-lhe importantes direitos econômicos, políticos e civis. Assim, tiveram direito à posse da terra, à instrução, ao trabalho e à cultura. A partir de 1936 novas conquistas são registradas, como autonomia individual, na educação, no emprego assalariado e nos esportes.

A Segunda Guerra Mundial trouxe conseqüências nefastas às mulheres, que foram reduzidas à dona de casa, parideira quando não na condição de prisioneiras – eram escravas. Se compararmos essa situação com o que lemos nos noticiários nacionais da atualidade, parece não ter havido a erradicação desse tipo de tratamento. Entretanto, voltando à situação de guerra, as mulheres também atuaram nos hospitais improvisados nos campos de batalha, na ajuda aos feridos, como mensageiras entre outras funções; nas fábricas para produzir armas e até nos campos de batalha para lutar. Como o término da guerra a situação voltou como era dantes – a mulher na esfera privada e as que conseguiam trabalhar tinham salários inferiores aos dos homens. Uma corporeidade que revela a mulher submissa/dominada.

Mais à frente, nos anos de 1950/60, entra em voga a idéia da “moça de família”, que deveria ser contida em seus gestos, recatada, ser obediente aos pais, e era preparada para se casar virgem. Seu destino biológico era o lar e a maternidade e com isso sua corporeidade reprimida. As transgressoras eram conhecidas como levianas, garotas fáceis e outros adjetivos que lhes eram imputados.

Nesse cenário podemos assinalar que a mídia, por meio da propaganda publicitária vende “felicidade” por meio de promessas em produtos (pessoais) de beleza e estética, de facilidade (doméstica) pela sedução de novos aparelhos como aspirador, máquina de lavar, entre outros. Na realidade, as estratégias da publicidade foram no sentido de criarem desejos de consumo. A publicidade cria estereótipos novos fugindo de outros mais antigos. O desejo do corpo belo e perfeito assume grandes proporções e o padrão de beleza, traduzido pela corporeidade feminina passa a ser curvas acentuadas e coxas grossas, portanto exigia cuidados com a aparência. A magreza poderia ser resolvida com suprimentos “nutritivos”.

Com o advento do feminismo, o movimento de emancipação das mulheres levou-as a reivindicações como a igualdade jurídica do voto, instrução, profissões liberais entre outras lutas pelos direitos femininos. A liberação dos corpos foi a grande meta deste momento histórico. A emancipação da mulher e o movimento feminista foram assim os elementos que remodelariam a visão sobre o feminino nesta época. Ao denunciarem injustiças e contradições sociais, as mulheres foram construindo seu espaço. Lutaram por remuneração ao trabalho desempenhado, conquistaram o direito ao controle da reprodução através da pílula anticoncepcional e se inseriram em movimentos encabeçados por grupos de militantes feministas.

No entanto, a vida no lar ainda continuava a ser a norma e padrão. A imagem e a corporeidade feminina são construídas com discursos ideológicos, neles configurado o da beleza feminina. Analisa Moni-

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

que Pires (2006) que as qualidades femininas desejáveis ainda re-pousam na essencialidade – elas devem ser essencialmente sensuais e atraentes. Para a autora, apesar de as mulheres se tornarem mais visíveis e aptas a disputarem o mercado de trabalho, as representações delas na mídia reforçam o estereótipo do corpo belo de forma que a beleza e sedução são seus atrativos principais, paralelamente ao destino biológico da maternidade e os cuidados com a família.

A partir da década de 1970, com a maior politização da mulher, a família sofre transformações e a dominação patriarcal é denunciada. Mesmo assim estava arraigada a idéia de que as mulheres deveriam ficar em casa e cuidar dos filhos, marido e da casa (PIRES, M. 2006). Os cuidados com o corpo e beleza ganham força nas páginas das revistas “como práticas estabelecidas”, como bem assinala Oliveira (2006). Emerge o conceito unissex, mas os produtos destinados ao público-alvo continham uma perspectiva de gênero. Enquanto para as mulheres, tal como nas décadas anteriores, a preocupação era com a “naturalidade e o encanto”, para os homens o discurso era traduzido pela elegância e descrição, associando produtos para homens às ideias de masculinidade⁴.

O modelo atual é aquele que faz referência ao culto do corpo e à magreza. Surge aí o apelo às imagens com formas corporais que vendem produtos e que servem de referência aos padrões de beleza veiculados pelas mídias, conforme antes mencionado.

As imagens que marcam

Na atualidade, o universo imagético vem ocupando lugar de destaque na sociedade contemporânea, justamente por ser, reconhecida, um dos principais recursos cognitivos. No campo da comunicação de massa, conforme é apresentado por Moles (1982) e por Benjamin (1994), a visualidade é que faz com que a obra-de-arte maximize o seu potencial estético, dentro da experiência humana. Com a instauração de um novo paradigma do conhecimento, a imagem passa a ser tratada como um significativo repositório de informações que antes passava despercebido. Nessa ótica, a informação inerente ao universo imagético começa a ser incorporada pelo paradigma estético emergente.

4 Para maiores informações e minúcias da articulação de gênero entre os anúncios publicitários, sugerimos a leitura do texto de Nucia Alexandra Silva de Oliveira, conforme dados nas referências do presente trabalho.

O termo imagem tem sua origem na expressão latina *imago*, como a máscara mortuária utilizada pelos romanos. Pode-se considerar que esse termo possui em si um sentido polissêmico por permitir um leque muito diverso de significados, desde reflexo, passando por sombra, por simulacro, até as imagens mentais, ou signos. Sua existência está sempre ligada a uma determinada áurea, podendo ser religiosa, mística, como réplica ou como simulação (na atualidade).

A imagem, portanto, tem perpassado todos os campos do conhecimento humano, desde o religioso, até o científico. A imagem, no espaço científico, assume um destaque especial, advindo da própria natureza estética que esse conceito assume. Essa natureza estética fica clara nas artes plásticas (pintura escultura), na arquitetura, já que se formam diretamente sobre imagens, dentro de uma estética culturalmente determinada. Em outras expressões artísticas, a imagem assume uma importância primordial, quer na hora que os personagens assumem e constroem o espaço do palco, como no teatro, quer na hora em que o leitor constrói imagens a partir de um texto, como na literatura. Mas para Joly (1996, p. 18), “a noção de imagem vincula-se estritamente à representação visual: afrescos, pinturas, mas também iluminuras, ilustrações decorativas, desenho, gravura, filme, vídeo, fotografia e até imagens de síntese”. Enquanto no campo científico (medicina, astronomia, matemática, meteorologia, física etc.), sob uma outra ótica, a imagem está relacionada à “visualização de fenômenos” (p.23). Para a autora, as imagens científicas são formadas basicamente por dois tipos distintos: imagens “verdadeiras” ou “reais” e imagens resultantes de simulações numéricas. As primeiras são imagens que ajudam a observar e a interpretar a realidade a partir do seu registro físico.

Na atualidade, observamos o problema da associação direta entre as mídias eletrônicas e a imagem, como foi apontado por Joly, que compreende os sentidos dados atualmente pela imagem, associam-na diretamente com as mídias eletrônicas, principalmente com a televisão e a propaganda. A conceituação de imagem deve ser considerada diversa, não só pela natureza diferenciada de suas mídias, mas pelos modos distintivos de apresentação, permanência e ação.

Jacques Aumont (1995), em seu livro “A imagem”, levanta a tese de que esta alguma coisa a mais que não está na imagem, mas que é capaz de transmitir a seu espectador, é um saber sobre a gênese da imagem, sobre seu modo de produção. A imagem possui um modo de emprego que seu espectador supostamente conhece. E isto diz respeito também à temporalidade desta imagem. A noção de imagem, portanto, desencadeia variações múltiplas de funções e significados. Para evitar uma confusão mental, este estudo adota um núcleo co-

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

num que integra todas essas significações, conceituando a imagem como um artefato que intercede à relação do homem consigo próprio e com o mundo a sua volta, como modo de produção de sentido. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que a produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais (SANTAELLA e NÖTH, 1998).

Assim, a noção de imagem como representação nos interessa porque cria um vínculo comum entre todos os tipos de imagens até aqui expostas, precisando o termo imagem como algo que produz significados. Em outras palavras, seriam interpretações na mente daquele ou daqueles que percebem essa imagem, tomando alguns traços emprestados do real, que por sua vez torna a ser revestido de novos sentidos pelo processo de interpretação mental, gerando, como uma cadeia infinita, novos traços do real para constituição de novas imagens.

Portanto, no âmbito desta pesquisa, a imagem é entendida como um fenômeno de significação e de comunicação e, como tal, pode ser abordada como conteúdo de atividade semiótica.

Consideramos que a imagem é como um ato de representação, posto que “o texto representa o objeto por convenção, enquanto a imagem o representa por projeção” (SMIT, 1996, p.30), assumindo-se diferentes níveis de construção de significados ou, até mesmo, como criação, como é abordado por Lucena (2002) para a construção das imagens virtuais. Nesse sentido, a imagem pode ser abordada a partir de diferentes níveis de análise. Esses níveis analíticos estão diretamente relacionados à natureza e à abrangência da informação pretendida. Para tanto, recorremos a Panofsky (1979), que distingue os níveis informacionais da imagem em:

- Nível Pré-iconográfico – entendido como o nível em que se dá a descrição da imagem em seus atributos constitutivos;
- Nível Iconográfico – entendido como o reconhecimento e/ou estabelecimento da significação da imagem;
- Nível Iconológico – entendido como o relacionamento entre os significados construídos e a contextualização da imagem e de seu intérprete.

Assim sendo, parafraseando Smit (1996), a imagem pode ser considerada uma tríade em sua abordagem histórica, a qual, em um primeiro momento, passa a ser um espelho do real, considerada a seguir como uma transformação do real e, na atualidade, como traço do real.

Considerando a imagem, conforme Smit, uma “entidade tripartida”, para exercer as funções de representação e veículo informacional, ela deve ser composta de suporte, expressão imagética e conteúdo informacional. Como suporte, entendem-se, no presente estudo, a superfície e a técnica pela qual a imagem foi produzida, química, magnética ou digital. Como expressão imagética, está a composição da imagem em si, os seus elementos constitutivos e as relações que estabelecem entre si no espaço da imagem. E, como conteúdo informacional, as formas de interpretação das imagens, tais como a identificação individual dos elementos de sua composição, quer personagens, espaços, contextos sociais etc.

A indicação de um interesse geral na área das imagens como área prioritária de trabalho parece, contudo, em muitos casos, relacionar-se ao uso da imagem como uma forma analítica a mais – além da forma textual – para a compreensão do recorte do real estudado. Em outros casos, parece mesmo indicar o uso dos recursos imagéticos como auxiliares da pesquisa verbal, como elementos adicionais na captação do real trabalhado, ou, ainda, como meras ilustrações do recorte em estudo.

Nos anos 1990 a busca das ciências sociais – no sentido de delimitar o campo de trabalho com imagem como uma linha de pesquisa de caráter quase disciplinar – ao mesmo tempo em que denota uma preocupação em relação aos recortes capazes de lhe conferir autonomia relativa como disciplina, deixa claro o desejo de instituir uma metodologia específica para seus usos, metodologia essa que a diferencie de outras áreas, sem, contudo, afastar as possibilidades de discussão e troca interdisciplinar.

Nesse sentido, a antropologia – que engloba uma disciplina em construção, mas já consolidada no imaginário dos que a praticam, qual seja, a antropologia visual – ganha espaço prioritário como fundamentação do *locus* das pesquisas em imagem nas ciências sociais. É entre os antropólogos que se tem a mais avançada, embora ainda tímida, discussão sobre a necessidade de delimitação das fronteiras disciplinares teórico-metodológicas, discussão essa que vem ganhando força a cada momento.

Nessa esteira aparece o uso da fotografia como uma forma de “congelar” os momentos vividos, as expressões reveladas, as reações desencadeadas. A captura de imagem passa a ser percebida como um instrumento cujo “conteúdo informativo é tão importante para a construção do objeto de estudo quanto as histórias de vida, os dados estatísticos ou os registros bibliográficos. De natureza diversa, esses suportes devem ser tratados como unidades de informação” (SMIT, 1996, p.216).

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

A Etnografia Visual em muito contribuiu no desenvolvimento da fotografia como instrumento e da análise das imagens dele derivadas. Posteriormente, a filmagem revela-se como instrumento outro que, ao invés de “congelar” momentos, busca capturá-los de forma diversa – traz som, imagem e movimento integrados, assumindo que a imagem sozinha não cobre tanto o panorama pesquisado, mas pode ser vista/entendida em conjunto com o som e o movimento de forma a favorecer o desvendamento da “intrincada rede que constitui a produção de sentidos” (MACEDO *et al.* 2004, p. 16). Palavra e imagem em movimento fazem, da vídeo-gravação, modos de buscar capturar a essência das narrativas em jogo.

Para Peixoto (1998), o texto escrito e a imagem/som têm uma relação não de identidade ou oposição, mas de complementariedade. Por outro lado, Souza e Lopes (2002) têm o entendimento que a palavra.

[...] é companheira, uma vez que com ela a imagem se enriquece, ganha contornos (...) há que se decompor as imagens em palavras e devolver ao outro as possíveis interpretações daquilo que é visto, tirando as imagens técnicas mediadoras de um diálogo entre pessoas que buscam novos modos de narrar sua experiência, recriando o mundo na imagem e no discurso (p. 64).

Vale ressaltar, outrossim, que o pesquisador, ao transcrever a imagem para analisá-la, já a reduz, empobrecendo-a. Queiroz (1988, p. 17) aponta que na transcrição sempre há “um empobrecimento quando comparado com a fita gravada”, afinal, além do recorte da filmagem, “de novo o pesquisador se tornava um intermediário que podia deturpar de alguma forma o que fora registrado (*idem, ibidem*)”.

No que tange às análises das imagens, é necessário identificar seus significados dentro da representação social e estar atentos às várias condições que permitem à imagem representar um objeto. Estas condições passam pelos significados da imagem, pela representação visual e pelo nível de percepção das imagens por parte dos indivíduos da comunidade. Passa ainda, pelas intenções do autor, pela própria construção do objeto de representação e enfim, pela interpretação dos espectadores. A análise das imagens não deve ser feita através da verificação de uma condição apenas, pois todas são importantes para responder com clareza sobre o modo de representação das imagens.

Antes mesmo de realizar o processo de análise das imagens é imprescindível atentar para os vários sentidos que uma foto é capaz de proporcionar. Estas múltiplas leituras, que denominamos de caráter polissêmico da imagem, não significam que a foto possua vários “sentidos”, e sim que seu sentido explícito cria classes de correspondências que permitem múltiplas interpretações. Esta capacidade

que a imagem tem de possuir vários significados nasce da relação existente entre a imagem, o objeto e o observador.

Por possuir uma condição de semelhança com o seu referente, a imagem adquire uma relação com o objeto de sua representação através dos diversos sentidos incorporados. Neste estudo optamos por abordar a imagem num plano da representação (o que ela mostra), num plano de conteúdo (o que ela significa), e num plano do significante (a realidade exterior a que ela faz referência). Ou seja, procuramos identificar qual a semelhança e ou diferença com a realidade exterior que a imagem remete.

Com isso, procuramos o sentido, a interpretação que determinado grupo ou indivíduo apresenta para determinado objeto da sua realidade. A fotografia, assim, não retrata a realidade tal qual ela aconteceu. Ela é uma interpretação de determinado recorte do passado, de um relato sentimental dos indivíduos e fruto das representações de determinado indivíduo ou grupo.

Sinopse dos textos e das fotos

O corpus de análise foi constituído por todas as fotos publicadas durante a disputa da superliga do vôlei feminino, totalizando oito fotos, sendo que uma delas foi repetida - uma na versão colorida e outra em preto e branco. Todas elas foram divulgadas entre fevereiro e abril de 2007.

Foto 1) texto: Natália ataca com sucesso na vitória do Osasco sobre o Rio. Data da veiculação: 14/02/07. Descrição: a foto é em preto e branco. Três atletas aparecem, sendo que em primeiro plano duas atletas negras do Rexona-Ades aparecem de costas durante o bloqueio e a adversária, do outro lado da rede no momento da cortada. O rosto desta atleta (branca) é visível.

Foto 2) texto: Dani Scott (8) explora o bloqueio duplo de Fabiana e Amanda. Data da veiculação: 19/03/07. Descrição: a foto é colorida. Em primeiro plano aparece a atleta nº8, (negra) de costas, transparecendo a fase da descida de uma cortada. Do outro lado da rede, duas atletas (negras) do Rexona são retratadas no momento do bloqueio, de braços estendidos, e a rede oculta-lhes o rosto. As três atletas na foto têm o rosto encoberto.

Foto 3) texto: A atacante Paula Pequeno, do Osasco, tenta superar o bloqueio duplo de Fabiana e Renatinha (...). Data da veiculação: 02/04/07. Descrição: Na foto colorida, a atleta nº 4 (branca), do Osasco, de costas é retratada no momento da cortada. A bola pode ser

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

vista ainda na sua mão. Ao fundo, duas atletas do Rexona (uma branca e outra negra) pulam no bloqueio. O close é feito nas formas da atacante, especialmente nas nádegas. Uma delas (nº 17), tem o rosto ocultado pela rede, enquanto que sua companheira (nº 1) tem sua cabeça completamente ocultada tanto pela rede quanto pelos longos cabelos da atleta atacante. Nenhuma delas exhibe o rosto.

Foto 4) texto: Regiane toca para superar o bloqueio duplo do Osasco [...]. Data da veiculação: 5/04/07. Descrição: a foto exhibe outra situação de ataque-defesa. No primeiro plano a atleta nº5 (negra) do Rexona, está de costas, e seu braço está em destaque após a cortada. Ao fundo, duas atletas do Osasco aparecem no bloqueio. Uma delas tem o rosto totalmente encoberto pela rede, ao passo que sua companheira, já no momento de descida do bloqueio, tem seu rosto à vista, mas a rede, como um véu, impede-lhe melhor visibilidade (uma delas percebe-se que é uma atleta branca, a outra, pelo ângulo da fotografia, não se pode identificar, mas quando perguntamos a um especialista do vôlei, ele afirma ser ela branca).

Foto 5) Não há texto publicado junto à foto. Data da veiculação: 7/04/07. Descrição: A atleta do Osasco (nº8), mesmo ao fundo, ocupa a posição de primeiro plano, uma vez que sua companheira de equipe, à frente dela, de costas, tem o visual desfocado, por isso não se consegue identifica-la, mesmo pelo número da camiseta, que também está esfumado. A atleta (negra) cujo rosto é visível esboça uma reação de alegria, provavelmente pelo ponto marcado pela equipe.

Foto 6) Não há texto junto à foto. Data de veiculação: 8/04/2007. Descrição: A foto em preto e branco sugere uma comemoração em que três atletas (duas brancas e uma negra) são retratadas. A personagem de maior impacto, na nossa leitura, está ao centro (uma atleta branca), cuja foto exhibe-a em posição ajoelhada, como se estivesse agradecendo pela vitória, entretanto o foco é distante. As outras duas (uma branca e outra negra) têm suas formas físicas destacadas, num apelo visual, e aparecem com foco próximo.

Foto 7) Não há texto veiculado junto à foto, que foi posteriormente republicada no dia 23/04, depois da última partida, mas em preto e branco. Data da publicação: 21/04/07. Descrição: Foto colorida, que de forma análoga à foto nº 3, exhibe três atletas. Em primeiro plano, a de nº 5 (negra) do Rexona-Ades, aparece no momento da “largada”, e simultaneamente, as duas adversárias estão no bloqueio, mas o rosto de ambas é totalmente encoberto pela rede (uma delas é identificável, como uma atleta branca; a outra, encoberta pela atacante e com a rede cobrindo-lhe o rosto e o número na camiseta, não permite qualquer identificação).

O dito e o não dito nas legendas

O que é dito para quem se dirige permite-nos penetrar nas relações de poder que exerce a linguagem. O silêncio é uma forma de linguagem. Aqui vamos nos deter para comentar sobre as legendas (textos) que acompanharam ou não as fotos estudadas. Como sinalizamos na inicial, este estudo é um recorte de uma pesquisa maior. Nela, os dados colhidos nos possibilitam uma análise mais acurada dos textos veiculados. No caso presente temos textos “telegráficos”. Na esteira de autores que tratam das representações, entendendo que todo discurso veicula atitudes, crenças, preconceitos da pessoa que fala (escreve) bem como espera que o receptor possa ter, todo texto tem conteúdos implícitos e explícitos.

As exíguas mensagens escritas que acompanham as imagens por si podem revelar as representações, normas, valores das relações dos indivíduos, mais precisamente da mídia impressa com as atletas e o público leitor. Vemos que não é possível esperar uma única leitura, mas tentar entender qual sua mensagem, mesmo que esta interpretação tenha o viés de quem a interpreta. Na frase: “Natália ataca com sucesso”, temos clara a tentativa de exaltar a performance da jogadora, inclusive, é uma das poucas imagens que exhibe o rosto de uma atleta. Porém, quando passamos ao próximo texto: “Dani Scott (nº8) explora o bloqueio duplo de Fabiana e Amanda”, na realidade, quem levou a melhor foi a dupla de bloqueadoras, que impediram o ponto da atacante, acrescentando-se aqui que a dupla é negra e a atacante é branca. O que poderíamos na ótica do gênero interpretar?

No texto seguinte se lê: “A atacante Paula Pequeno, do Osasco, tenta superar o bloqueio duplo de Fabiane e Renatinha (...). O dito parece mais uma vez evidenciar a performance das atletas retratadas, mas a foto exhibe os contornos corporais, cuidadosamente escolhidos destacando os glúteos da atacante. E na última foto que é acompanhada de texto (as demais só exibem as imagens) lê-se: “Regiane toca para superar o bloqueio duplo do Osasco”. A idéia inicial uma vez mais nos leva à preliminar de que a atleta Regiane está sendo observada e distinguida pela habilidade de superar o bloqueio, mas a foto exhibe apenas suas costas, nas quais se pode facilmente identificar o número na camiseta e o patrocinador, e com muito esforço ler o nome da atleta. Se a idéia é ressaltar a excelente performance das atletas, por que razão as imagens exibidas não acompanham o que é dito nos textos? Assim, o que é dito, não o é pela imagem; é uma argumentação que pode influir sobre o comportamento de quem lê a mensagem – fazer com que compartilhe de determinadas opiniões.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

Da leitura das imagens

Ao discorrer sobre o processo de leitura de imagens fotográficas, Flusser (1998) comenta que o significado decifrado é resultante tanto das intencionalidades do emissor quanto das do receptor, o que confere aos leitores e leitoras um espaço interpretativo. Ao vaguear pela imagem, o olhar vai estabelecendo relações entre os diferentes elementos que a compõem, através de uma leitura circular, onde cada signo influencia o significado do outro.

Partimos, então, do pressuposto que o receptor tem participação ativa na formulação dos significados associados às imagens, logo as mensagens decifradas não são inequívocas ou únicas. Imagens são signos polissêmicos que possibilitam diferentes leituras, de acordo com o repertório simbólico de quem a interpreta e das relações estabelecidas entre os diferentes elementos que a compõem.

Para Joly (1996), a significação global de uma mensagem visual é constituída pela interação de três diferentes tipos de signos, a saber, *plásticos, icônicos e lingüísticos*. Os signos plásticos compreendem cores, formas, linhas, texturas e a própria composição interna da imagem. Os signos icônicos correspondem às figuras que podemos reconhecer através da semelhança visual com o que representam, por exemplo, um desenho de uma árvore pode ser considerado como ícone na medida em que essa representação, de alguma forma, se pareça com uma árvore. Os signos lingüísticos, por sua vez, dizem respeito à linguagem verbal, aos textos que podem acompanhar a mensagem visual e que muitas vezes cumprem o papel de ancorar o significado da imagem.

Como etapas de uma análise de imagem, Joly (1996) nos propõe os seguintes passos: 1) observar os tipos de significantes plásticos, icônicos e lingüísticos co-presentes na imagem; 2) fazer com que a eles correspondam os significados que lembram por convenção ou hábito; 3) observar o cruzamento destes diferentes tipos de signos e os significados que emergem desse cruzamento e; 4) formular uma síntese desses diversos significados, ou seja, uma versão plausível da mensagem implícita vinculada à imagem.

Seguindo os procedimentos teórico-metodológicos, o que podemos depreender da análise é que as mulheres atletas não foram exibidas em nenhuma das fotos divulgadas durante a execução do saque, em levantamentos ou defesas individuais. Percebemos que na expressiva maioria das fotos a rede cobre o rosto das atletas. A opção pela mídia nesse tipo de propaganda remonta ao que se entende na pedagogia cultural construída e reforçada pela mídia, o que passa a influenciar a sociedade em geral. Os códigos e convenções

sociais transparecem buscar a corporeidade feminina quer nos moldes gregos atenienses ou nos construídos particularmente no Brasil, na década de 1950-60, de invisibilidade feminina, pois ainda lhe é reservado o espaço privado. Ao negar-lhes a visibilidade facial, além de impedir que o público que se identifica com o esporte em tela, impede-lhe de reconhecer individualmente os méritos das performances das atletas. De certa forma, ressalta nas atletas fotografadas a representação de que devem permanecer à sombra reforçando este-reótipos de cinqüenta anos atrás.

As imagens selecionadas para divulgação exibem as atletas dos times adversários simultaneamente cortando e bloqueando, mas com a rede cobrindo-lhes o rosto. As fotos analisadas sugerem formas corporais femininas e são exibidas como que na busca de um erotismo ou fetiche como mercadoria de consumo. Em concordância com Campos (2006), o corpo exibido não é algo naturalizado, mas construído social e culturalmente. Ao mergulharmos na materialidade discursiva da mídia, observamos as estratégias para capturar sujeitos, ou melhor, os corpos desses sujeitos, com a finalidade de exibir um corpo saudável.

As fotos podem ser observadas à luz de Scott (1995), para quem o gênero consegue explicar a concepção em termos de dominação masculina e controle das mulheres. Sendo a mídia uma instituição generificada e a imprensa esportiva uma reserva de dominação masculina, a escolha das formas femininas como forma de retratar as atletas de um esporte de alto rendimento é uma questão política. Desse modo, os discursos e representações que circulam acerca do corpo dessas atletas buscam destacar seus corpos centrando-os numa política de erotização, de fetiche, como uma mercadoria de consumo. Podemos afirmar, com apoio no pensamento de Campos (2006), que o importante é exibir os corpos providos de saúde, um corpo malhado e belo.

Destacamos como detalhe percebido, que as atletas do vôlei constituem um grupo étnico variado. A escalação do time é de alçada do técnico, que para um determinado jogo vai eleger o sistema e quais as jogadoras que podem render mais frente a uma determinada equipe adversária. A escolha do grupo, imaginamos, se dá pela competência técnica, nunca pela etnia. Assim, ao analisarmos a presença de atletas nas fotos, contabilizamos quase que igual proporção de atletas que podem ser consideradas negras e brancas, desprezando-se os vários matizes pigmentares dermatológicos que poderiam descrevê-las comparativamente. Curiosamente, quando nos detemos a observar as fotos mais acuradamente por esse viés, notamos que as atletas consideradas brancas, nas poucas vezes em que suas faces

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

são retratadas, contabilizam maior número de registros nas imagens divulgadas. Podemos inferir, com suporte em Campos, que homens e mulheres recebem orientações diferentes e generificadas a respeito de padrões de beleza que seus corpos deveriam representar. No entanto, a mídia esportiva parece não conseguir relacionar beleza e negritude. A mídia faz julgamentos velados de beleza, pois são escassas as fotos de grandes atletas negras, e para que essas consigam espaço na mídia, é preciso alcançar um grande feito. Lembramos no momento da ginasta Daiane dos Santos, que apesar de não ser a atleta mais completa na modalidade, obteve a primeira medalha de ouro numa das especialidades da modalidade esportiva, por isso bastante destacada na mídia escrita e televisiva. Entendemos que nessas fotos são explícitas as relações de poder, e nesse sentido aceitamos o ponto de vista de Pilotto (1999, p. 416), quando afirma que: “a mídia dá aos textos um enfoque que privilegia o entendimento de uma determinada cultura – a do homem branco [...]”.

Tendo em conta que a presente análise crítica se faz à luz das relações de gênero e, portanto, de poder, quando buscamos nos arquivos da mesma fonte, as fotos exibidas na competição de porte similar disputada pela equipe masculina, a situação é deveras distinta. A performance dos atletas é a ordem do dia. Há uma preocupação em exibir a plástica exímia do levantamento na mão do atacante. As fotos também mostram o “vôo do atacante, e a posição irretocável do saque. É possível visualizar o atleta que faz o ataque em detalhes esmiuçados, mesmo que na mesma imagem apareça o levantador de costas, em segundo plano. Porém, o que mais chama atenção é o contraste do elemento rede. Enquanto nas fotos femininas ela serve para ocultar o rosto das mulheres atletas, nas fotos masculinas ela é um elemento que não se destaca, ou ela simplesmente não aparece. Esses dados levam-nos a perceber que as imagens, como propagandas ou textos multisemióticos instituem e legitimam determinadas representações. As formas como a imprensa constrói verdades sobre o mundo disseminam a idéia de que a pedagogia cultural é produzida de maneira a naturalizar, colonizar espaços e “tempos, tornado-se verdades pouco contestadas” (PILOTTO, *idem*, p. 417).

Resgatando os escritos dispostos nos dados preliminares, lembramos que os Grandes Jogos da antigüidade helênica eram realizados sempre em homenagem a um deus masculino. A cultura física tinha espaço privilegiado entre os homens e o ideal de beleza aliava cultura, estética e o ápice dessa beleza era concretizada com a vitória nas disputas esportivas. As fotos masculinas estampadas na mesma modalidade, longe de ocultar a visão facial, destacam-na além de todo corpo: belo, sarado, um ideal de beleza plástica a ser “vendida”.

A plástica masculina é mostrada, tal qual imagens de deuses gregos, permitindo que se faça uma boa associação entre o passado distante e a presente realidade.

Na análise comparativa, parece-nos que as atletas ficam à sombra porque durante o jogo não podem exibir o que ideologicamente é configurado nos padrões de beleza - bem apresentável - cabelos penteados, mas como mantê-los alinhados num esporte que exige constante movimentação? Não suar publicamente; nas partidas de vôlei, tanto masculinas quanto femininas, são destacados auxiliares com a finalidade única de secar a quadra onde o/a atleta suado/a tocou com o corpo no chão, defendendo uma bola. O juiz espera até que os/as atletas confirmem as boas condições para prosseguirem jogando. Como é possível fazer a mídia entender que não é possível evitar a sudorese?

Em relação aos homens esse detalhe não tem importância, pois mesmo pingando de suor, são fotografados no saque, em defesas individuais, ainda que não se consiga ver, com nitidez nas fotos, a transpiração dos homens. Evita-se exibir as mulheres nessas condições fazendo com que elas fiquem com foco distante ou bastante “esfumaçadas”, não sendo possível reconhecer-lhes a identidade.

Enfim, a ênfase na sombra feminina sugere os cuidados com a beleza (ou falta deles durante o jogo). Assim se constrói uma imagem feminina de invisibilidade esportiva posto que ser bela, como a melhor maneira de ser feminina, não combina com as atletas aqui expostas. Tudo indica que está correta a afirmação de Oliveira (2006) de que beleza e gênero são elementos de difícil desarticulação.

CONCLUSÕES

As leituras que deram suporte a esta empreitada e o *corpus* analisado conduzem a algumas conclusões, cuja intenção maior é contribuir para o debate que o tema enseja na perspectiva das Ciências do Movimento Humano – Motricidade Humana, e assim a Educação Física e Mídia. Assim sendo, a discussão e as críticas são muito bem aceitas de outras áreas do conhecimento cujo olhar tem buscado o mesmo tipo de preocupação.

Dentre as conclusões que as nossas limitações e vieses permitem, podemos sublinhar que a cobertura jornalística faz julgamentos velados de beleza, e as atletas, quando não correspondem ao padrão vigente convencionado pela mídia, são retratadas à sombra, ou seja, ou com foco distante, ou com a rede como tarja para ocultar-lhes a visibilidade facial. Com apoio no referencial teórico permitimo-nos

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

afirmar que de fato a pedagogia cultural midiática constrói e renova a imagem de feminilidade, no presente estudo mais pela ausência da visibilidade.

O conjunto de fotos representa muitas coisas, entre elas a desigualdade entre os gêneros, estabelecida pelas relações de poder da mídia. Essa situação mostra que as representações sobre o esporte, pontualmente o vôlei feminino, são atravessadas por questões de gênero, e este, retomando Scott (1995), é a forma primária de dar significado às relações de poder.

A mulher conquistou com esforços redobrados a participação no esporte de alto rendimento. A mídia esportiva, nas imagens veiculadas, perde uma excelente oportunidade de trazer à luz um grupo historicamente excluído, e pouco representado: as mulheres negras, que no vôlei brasileiro são de altíssimo nível e de inegável talento.

Pelo que podemos depreender dos dados obtidos, a mídia esportiva reproduz as desigualdades de gênero e de raça ou cor da pele. Dessa forma, continua num poderoso auxiliar para que o esporte continue a construir e enfatizar as diferenças entre os sexos com base nas tradições de feminilidade (e de masculinidade). Ela faz mais do que criar imagens paralelas de homens e mulheres – ressaltam imagens e por meio dos textos expressa as diferenças entre gênero, operando como importante coadjuvante na perpetuação do relacionamento patriarcal.

Sugerimos que a leitura desses textos imagéticos passe a ser vista não com o propósito técnico apenas, mas principalmente como ferramenta na busca de alguns sentidos que eles produzem. Na proposta da cultura corporal, é uma excelente oportunidade para abrir uma discussão sobre a ideologia dos atuais dirigentes esportivos de que o esporte olímpico é o último degrau a ser galgado, e que é na escola que se devem forjar o/as futuro/as atletas perfeito/as. Está na ordem do dia o uso das substâncias proibidas e suas conseqüências.

A tentativa de desnaturalização da mulher atleta deve ser incentivada a fim de que as meninas de hoje desconstruam toda uma história aprendida durante anos. Sugerimos, aceitando os argumentos de Monique Pires (2006), tentarmos fazer uma história com a perspectiva feminista, trazendo ao centro, das discussões acadêmicas e científicas, os conceitos elaborados nessa nova ótica, evitando assim a reconstrução de uma história genereficada que afastou as mulheres da condição de sujeito político de sua própria história.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S.S. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, G.; NECKEL, J.F; GOELLNER, S.V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes, 2003. p. 108-123.
- AUMONT, J. **A imagem.** Campinas: Papirus, 1995.
- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, In: _____. **Obras escolhidas I: magia e técnica. Arte e Política.** São Paulo: Brasiliense, 1994 (197-221).
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física.** Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- FLUSSER, V. **Ensaio sobre a fotografia: para uma filosofia da técnica.** Lisboa: Relógio D'Água, 1998.
- FORSYTH, L. H. Pela reapropriação do corpo das mulheres e das meninas, ainda sob o olhar dos outros na cultura popular das sociedades patriarcais. **Labrys.** Brasília, Montreal, Paris. n 3, 1-12 jan/dez. 2003
- GUEDES, B. S.. **Toda nudez não será castigada: um estudo sobre a erotização nos jornais populares.** Niterói, 2003. 47f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de conclusão do Curso de Comunicação Social). Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro.
- LUCENA, M. Y. N. **A imagem infográfica: uma imagem acontecimento.** 2002. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- MACEDO, E. et al. Apresentação. **Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação.** Centro de Estudos Educação e Sociedades. São Paulo, v. 25, p. 16-16, 2004.
- MIRAGAYA, A. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. In **Anais do III Fórum Olímpico.** Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.
- MIRAGAYA, A. The process of inclusion women in the Olympic Games. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil, 2006.
- MIRAGAYA, A. As mulheres nos Jogos Olímpicos: participação e inclusão social. In K. Rubio (Org.). **Megaeventos Esportivos, Legado e Responsabilidade Social.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. **SALUSVITA**, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

MOLES, Abraham. Doutrinas sobre a comunicação de massas. In: ADORNO, T. *et al.* **Teoria da cultura de massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 73-102.

OLIVEIRA, N. A.S. A beleza que se compra... o gênero que se constrói. Uma análise publicitária de produtos de beleza para homens e mulheres (1950- 1990). Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. 2006. Anais. Florianópolis. 2006. 8f. CD.

PANOFSKY, E. Significado das artes visuais. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979 (Debates, n. 99).

PILOTTO, F. M. Representações da cultura corporal em textos de jornais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 1, n. 21, p. 416-422, 1999.

PIRES, G.De L; BETTI, M; BITENCOURT, F. G.; HACK, C. et al. Retrato da Produção em Educação Física/Mídia no Brasil. **Anais. 3º Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**. Santa Maria, 2006. 7f. Disponível em: Disponível em: www.nepef.ufsc.br/labomidia/observatorio_publicacoes2006.php.

PIRES, G. De L; MÓL, M. C. Saúde e estética na mídia impressa brasileira. (Trabalho aprovado ainda não publicado) 2006. 11f. Disponível em: www.nepef.ufsc.br/labomidia/observatorio_publicacoes2006.php.

PIRES, M. V. **Mulheres em profusão: representações de gênero na publicidade brasileira**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. 2006. Anais. Florianópolis. 2006. 7f. CD.

PRONI, M.W. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil, 1998.

PRONI, M.W. A Reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Esporte e Sociedade**, v. 3, n. 9, 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es904.pdf>.

QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de M. Von. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

QUEVEDO, M. O corpo da mídia e o corpo do homem. 2003. Disponível em www.estadao.com.br. Acesso em 10/12/2007.

REIN, I.; KOTLER, P.; SHIELDS, B. **Marketing Esportivo: a reinvenção do esporte na busca de torcedores**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

ROMERO, E. Do corpo docilizado na Aufklärung ao corpo genericado no século XXI. In: DANTAS, E. Pensando o corpo e o movimento. 2.ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 33-94.

SANTAELLA, L NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia.** São Paulo: Iluminuras, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre. v. 20, n 2. p. 71-100, 1995.

SMIT, J. W. A representação da imagem. Informare – **Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação.** Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 28-36, 1996.

SMITH DICTIONARY – 1875.Herea. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E?Roman/Texts/secondary/SMIGRA*/he-rea.htm. Acesso em 13/12/2007

SOUZA, S.J; LOPES, A.E. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.116, jul. 2002, p. 61-80.

ROMERO, Elaine *et al.* O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.